

26 ABR 1998

Poder de ACM não tem mais herdeiros

Salvador - Aos setenta anos de idade, o senador Antonio Carlos Magalhães conseguiu um poder que poucos na história desfrutaram, exceto pelo uso exclusivo da força: na Bahia é o monarca; no Senado, um temido presidente da instituição e, atravessando a rua, no Palácio do Planalto, um aliado fiel, porém indigesto, que consegue vitórias para o Governo, sabe quanto vale e cobra prontamente o preço, quando preciso.

ACM só não cumpriu o so-

nho de ser presidente da República, embora não o tenha abandonado. Transferiu-o para o filho, Luís Eduardo. Tudo caminhava como se fosse a ordem natural das coisas, mas foi interrompido pela morte do filho. O poder de Antonio Carlos não tem mais herdeiros.

Na Bahia, para os carlistas, era tudo cristalino: Luís Eduardo, o herdeiro, seria o governador agora e o presidente em 2002. Na quarta-feira, quando o bispo auxiliar de Salvador, Dom Eugênio de Araújo Sales, termi-

nou os serviços religiosos, foram depositadas no túmulo, junto com o corpo do filho querido morto na véspera, todas as verdades tidas como óbvias da política baiana. O poder de Antonio Carlos não tem mais herdeiros.

"Vou rezar para o senador ter saúde, senão o Estado acaba", dizia a dona de casa Edna Araújo Sales, enquanto esperava na fila do velório de Luís Eduardo, na Assembléia Legislativa. "Foi uma perda muito grande para a Bahia, o Luís

Eduardo era nosso futuro presidente."

Recuperação

A dor estampada no rosto do pai não tinha tamanho. Entre os baianos, no entanto, a aposta era se o presidente do Senado, dessa vez como nos outros grandes baques da sua vida, se recuperaria depressa - o que significa dizer retomar as rédeas da política regional, que ficou em suspenso esperando a sua decisão, e voltar como um trator para o Senado, tomando

para si a conclusão das reformas, defendidas com especial paixão pelo filho.

Na quinta-feira, ainda chorando muito, informou aos seus assessores no Senado, por telefone, que na segunda-feira estaria cumprindo expediente normal, o que pouparia seus funcionários do incômodo de ter que desmentir os insistentes boatos de que o senador renunciaria ao mandato, disputaria o governo do Estado novamente e se recolheria, no final da sua vida pública, à Bahia.